



GT16 - Educação e Comunicação – Trabalho 1013

REFLEXÕES SOBRE LEITURA DE IMAGENS NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO

Adriana M. de Assumpção – UNIRIO

Guaracira Gouvêa – UNIRIO

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Este texto foi gerado pelo entrelaçamento da leitura de imagens com a formação de professores, e é parte de uma pesquisa de doutorado, que está em desenvolvimento. As reflexões foram estimuladas à medida que crescia o incômodo com a problematização sobre produção e leitura de imagens neste contexto. No presente trabalho estamos nos referindo à imagem fixa, no caso, fotografias, com o intuito de compreender como somos culturalmente iniciados na leitura de imagens e que modos de leitura exercitam os estudantes de uma licenciatura em pedagogia. A perspectiva parte dos estudos de Roland Barthes, Alberto Manguel, Martine Joly, dentre outros. Refletimos sobre essa temática, partindo do pressuposto de que estamos inseridos em uma sociedade permeada intensamente pela presença de imagens e é necessário ampliar o debate sobre a produção e leitura. Nesse sentido, consideramos que a leitura imagens pode se configurar como um modo de resistência a crescente concentração dos meios de produção de opinião e cultura.

Palavras – Chave: leitura de imagens - formação de professores - educação

INTRODUÇÃO

No livro *A Gora de Ouro*, de Michel Tournier, *Idriss, um jovem berbere que vive em um oásis do deserto, é surpreendido por uma francesa loira que tira uma foto dele*¹ A loira promete enviar-lhe uma foto quando chegar a Paris, e o ingênuo berbere começa a esperar. Mas o tempo passa e a foto prometida não chega. A imagem vai absorvendo-o cada vez mais, até impeli-lo a uma viagem a Paris para recuperar seu retrato. Em um espaço de tempo muito curto, um homem “sem imagens” se verá envolto num mundo dominado por elas. Através da figura de um homem alheio às imagens diante do poder delas, o autor descreve a magnitude e a complexidade do papel da imagem em nossa cultura..

Laura González Flores, 2011,p.115.

A reflexão que propomos aqui é extremamente prazerosa, mas também constitui-se como uma tarefa desafiadora em virtude de sua complexidade. A leitura de imagens em um espaço de formação de professores - particularmente, na educação em ciências - buscando compreender que modos de leitura esses estudantes exercitam e quais os sentidos envolvidos neste processo, é o objetivo central desse trabalho.

Entendemos que ao buscarmos a construção de práticas educativas que estimulem o acesso à aprendizagem e a uma formação de qualidade nos parece carregado de obviedade, entretanto, consideramos que é imperativo buscar uma formação diferente daquelas que, tradicionalmente encontramos nos espaços escolares, especificamente nas instituições de ensino superior. Para alcançarmos mudanças significativas, é necessário criar novas estratégias e táticas metodológicas de aproximação com as questões relacionadas às diferentes linguagens. Para esse fim, as concepções norteadoras dos processos educacionais devem estar referenciadas na produção de conhecimentos, alinhados com a compreensão dos processos de construção de conhecimentos. Nesse sentido, ressaltamos a necessidade do exercício da crítica, já preconizado por Freire (2014) em *Pedagogia do Oprimido* é imperativo na busca por mudanças na cultura e nas lógicas que perpassam os espaços de formação.

A formação na licenciatura, em diferentes áreas do conhecimento, deve se inserir nessa discussão à medida que deve proporcionar uma participação maior dos educandos e educadores nas reflexões conduzidas na sala de aula, propiciando formação mais crítica e atuação nas questões relacionadas à ciência.

¹ Michel Tournier, *La Gora de Oro*, Madri, Alfaguara, 1985

A licenciatura apresenta especificidades tais como práticas pensadas para sala de aula, e, dentre outros aspectos, o licenciando é, muitas vezes, aluno e professor ao mesmo tempo, exercendo a profissão de educador em escolas públicas e particulares. Nesse sentido, os alunos das licenciaturas apresentam demandas, em grande número, voltadas para as práticas que, serão desenvolvidas em sala de aula, bem como estratégias metodológicas que possam contribuir de maneira objetiva com essas práticas. O nosso interesse por esse contexto se deve, em grande parte, pela aproximação com questões suscitadas em nossas aulas ministradas para alunos de Pedagogia área em que nos dedicamos a trabalhar nos últimos anos. Nesse sentido, também nos aproximamos de reflexões sobre a formação na licenciatura e sobre as práticas de educação em ciências. Buscamos compreender as práticas de leitura de imagens em espaços de formação (licenciatura em educação, especificamente no curso de Pedagogia), bem como as condições de recepção das imagens e sua relação com o capital cultural dos alunos, baseados nos estudos de Pierre Bourdieu (ORTIZ, 2013).

Nossa opção por textos imagéticos decorre da possibilidade de leituras polissêmicas que podem ser realizadas com esse tipo de texto e a discussão de temas diversos em uma abordagem distinta de propostas tradicionalmente utilizadas na licenciatura. Por meio da discussão com as imagens, podemos envolver temas da atualidade e questões políticas e sociais.

Argumentamos em favor de um novo olhar para a questão das imagens que circulam nos espaços de formação de professores. Sugestões de investigações nesse sentido são indicadas por Perales Palacios e Jiménez Valladares (2002) e reafirmadas nas considerações de Rego (2014) apontando uma demanda por estudos que possam contemplar essa questão.

Compreendemos, assim como Souza (2011), que as imagens podem transmitir conceitos e valores e desempenham importante papel na formação oferecida na licenciatura; dessa maneira, a escolha de uma imagem é sempre intencional e carregada de sentidos ideológicos, trazendo “uma verdade” sobre o mundo.

Como nos aponta Oliveira (2014), o que se coloca em perspectiva nesse momento, é a relação entre o mundo imagético e a educação, sobre a qual ainda temos muito a problematizar. Dessa forma, fica evidente a relevância de um estudo, que tenha como proposta de investigação o texto imagético e as leituras realizadas no âmbito de cursos de formação inicial.

Interessa-nos especialmente, compreender os modos de leitura dos estudantes de licenciatura especificamente no que diz respeito à leitura imagética. Dessa maneira, nossa proposta de estudo, que apresentamos neste momento, baseia-se em questões como o papel da imagem nessas leituras e a compreensão dos sentidos estabelecidos nas práticas de leituras de imagens, bem como o conteúdo da imagem e o que ela transmite nas leituras dos estudantes.

IMAGEM

Imagem é uma palavra derivada de *imago* do latim e, segundo Joly (2007) servia para designar a máscara mortuária usada nos funerais romanos e, no mundo contemporâneo está muito associada à mídia, o que para esta autora representa, ao mesmo tempo, invasão e onipresença no cotidiano. A palavra imagem se traduz no grego *eikon*, bem como no francês *image*, enquanto no inglês encontramos uma diferenciação entre *image* e *picture*. Ressaltamos que não é nosso objetivo tratar das determinações históricas e conceituais do campo semântico dessa palavra. Em suas considerações, Joly (2007) destaca que a imagem não se caracteriza apenas enquanto signo icônico ou figurativo, já que pode intercruzar diferentes materiais para constituir uma mensagem visual.

Barthes (2005, p.78) afirma que a própria imagem é muito fugaz, remetendo sem cessar, num ir e vir que pode ser uma representação imagística ou referente ao imaginário e, para o autor, é muito difícil definir e classificar as imagens. Também destaca que, além disso, devemos somar a essa questão da incerteza em definições a presença de uma lacuna histórica, pois não dispomos de uma síntese sobre a comunicação icônica em civilizações anteriores, o que nos leva muitas vezes a esquecer que a imagem já participava profundamente da vida cotidiana das civilizações passadas. *Imagem é, por exemplo, algo que eu posso figurar através de um desenho; não é um símbolo, mas possui uma factura simbólica, no sentido em que ela apresenta características formais que a fazem parecer uma imagem* (BARTHES, Enciclopédia Einaudi Interpretação, p.224).

A imagem como essência é a abordagem utilizada por Manguel (2001) quando ele considera as imagens que formam nosso mundo como símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Para o autor, talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com nosso desejo, experiências, questionamentos e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos.

Segundo Manguel (2001), talvez não seja possível um sistema para ler as imagens, similar àquele criado para ler a escrita (um sistema implícito no próprio código que estamos decifrando). Em contraste com o texto escrito no qual o significado dos signos deve ser estabelecido antes que eles possam ser gravados na argila, ou no papel, ou atrás de uma tela eletrônica, o código que nos habilita a ler uma imagem quando impregnado por nossos conhecimentos anteriores, é criado após a imagem se constituir – de um modo muito semelhante àquele que criamos ou imaginamos significados para o mundo à sua volta, construindo com audácia, a partir desses significados, um senso moral e ético para vivermos.

Em artigo publicado na Revista *Communications*, importante publicação dos anos de 1960, Roland Barthes deu início ao movimento que Joly (2007) considera como o “pontapé” inicial da retórica da imagem. A partir daí aquele que se tornaria um dos mais célebres pensadores franceses viria a produzir uma série de artigos, palestras, seminários, edição de livros, dentre eles, uma obra derradeira de significativa relevância para os estudos sobre imagens: *A Câmara Clara*.

Barthes (2005) traduz muito bem a intensidade que pulsa no olhar que lançamos sobre as imagens observadas cotidianamente. O autor trata a palavra imagem como produto de diferentes representações: ora mental, ora imagística, ora referente a um imaginário. Segundo ele, quando tratamos de uma *Civilização da Imagem*, fatalmente estamos afirmando uma suposição de que as civilizações anteriores não praticavam a comunicação icônica; entretanto não dispomos de estudos sobre essa questão. Dessa maneira, poderíamos nos perguntar se não estaríamos subestimando essa forma de comunicação em outras civilizações onde a imagem participava profundamente da vida cotidiana dos homens (pinturas rupestres, vitrais, pinturas, almanaques, livros ilustrados).

Podemos considerar que a comunicação mista que encontramos hoje nas sociedades (imagem e outras linguagens) leva-nos a esquecer que a imagem, precisamente, nunca está privada de palavra (fotografia legendada, publicidade anunciada, cinema falado, histórias em quadrinhos). Imagem é, por exemplo, algo que eu possa figurar por meio de um desenho e que não é um símbolo, mas possui uma factura simbólica, no sentido em que ela apresenta características formais que a fazem parecer uma imagem (BARTHES & COMPAGNON, 1987, p.224).

Voltamos a nos aproximar de Barthes e encontramos a discussão sobre leitura de objetos midiáticos como textos complexos, onde o autor entra na intimidade desses textos,

investindo nas comunicações de massa e brindando a cultura midiática com análises semiológicas requintadas (MOTTA, 2011).

Na esteira teórica de Barthes está Fontanari (2014) que, ao fazer uma incursão na obra “A Câmara Clara de Roland Barthes, reflete sobre os sentidos da imagem e reafirma o que escreve Barthes sobre o signo só existir e se atualizar por meio do olhar do outro, ou seja, o olhar capturado dá sentido ao universo sógnico, por meio da interpretação, da elaboração cognitiva que busca compreender, traduzir. Fontanari refere-se a Barthes como um “antropólogo das imagens” além de perceber na obra do autor momentos das suas investigações, que o conduziram a um questionamento muito amplo em torno das imagens, que vai além daquilo que Fontanari chama de “curiosidade gulosa” dos semiólogos, tratando de um saber mais visceral que se estabelece entre o espectador e a própria imagem. Barthes entrevê que a *imago* é, ao mesmo tempo, uma questão de aparição e de experiência corporal. Segundo Manguel (2001, p.21) *as imagens, assim como as histórias, nos informam.*

Aristóteles sugeriu que todo processo de pensamento requeria imagens. “Ora, no que concerne à alma pensante, as imagens tomam o lugar das percepções diretas; e, quando a alma afirma ou nega que essas imagens são boas ou más, ela igualmente as evita ou as persegue. Potanto a alma nunca pensa sem uma imagem mental.”

(MANGUEL, 2001, P.21)

LEITURA DE IMAGENS

Navarro e Ursi (2013) refletem a respeito da utilização de textos imagéticos como um dos meios de comunicação mais antigos da humanidade, remontando esse uso à pré-história. As autoras afirmam que, na atualidade, a crescente importância do uso das imagens pode ser relacionada também com o grande volume de textos imagéticos que circulam, diariamente, nos diferentes espaços. Ressaltam ainda que sofremos um “bombardeio” de imagens cotidianamente, sem haver, no entanto, uma reflexão crítica. Para as autoras, a leitura de imagens vem sendo objeto de estudo de diferentes pesquisas, entretanto ainda apontam a necessidade de novas reflexões a respeito da apropriação dessas leituras, tornando os sujeitos reflexivos ao invés de “consumidores de imagens”. Nesse sentido, apontam a necessidade de construção de processos de ensino – aprendizagem da leitura de imagens, onde o professor possa exercer o lugar de mediador guiando o aluno em um processo dialógico e enriquecedor para ambos.

A utilização das imagens em espaços educativos não se caracteriza como processo recente na história. Ao abordarem esse aspecto, Rego e xx (2010) resgatam aspectos da história lembrando que data de 1685 o primeiro livro didático onde as imagens já possuíam papel fundamental na transmissão do conhecimento, sendo utilizadas como ilustração dos textos. Segundo as autoras, o processo de produção das imagens visuais passou por algumas modificações, desde as imagens registradas em rochas e pedras, aos desenhos em papel, pinturas em telas, fotografias, e, com o avanço do tempo o que se percebe é uma mudança invertendo o papel do texto e da imagem (BARTHES, 2009).

Reconhecemos imagens como signos com sentidos diferentes contextualizados a partir do repertório de cada sujeito, de acordo com suas representações construídas por meio da concepção que cada um possui de mundo, de cultura, religião, etc (REGO e xx, 2013).

Em relação aos significados de uma imagem compreendemos, assim como Barthes (1990, p.28), que *a significação da imagem é, certamente, intencional: são certos atributos do produto que formam a priori os significados da mensagem*. Assim, na leitura das imagens, a percepção dependerá estreitamente da minha cultura e do meu conhecimento do mundo, dos signos de que disponho (BARTHES, 2009,p.24).

Segundo Barthes (2009, p.23) não podemos afirmar que o homem moderno projeta na leitura da fotografia sentimentos e valores que dizem respeito ao caráter, a menos que possamos especificar bem que essa significação é sempre elaborada por uma sociedade e uma história definidas, constituindo-se em um movimento dialético que resolve a contradição entre o homem cultural e o homem natural. O autor afirma que toda imagem é polissêmica,

“...implicando como subjacente a seus significantes uma *cadeia flutuante* de significados, dos quais o leitor pode escolher uns e ignorar outros, A polissemia produz uma interrogação sobre o sentido; ora esta interrogação aparece sempre como uma disfunção, mesmo que esta disfunção seja recuperada pela sociedade sob a forma de jogo trágico (Deus, mudo, não permite escolher entre os signos) ou poético (é o frêmito do sentido – pânico dos antigos gregos)...” (P. 34)

Estamos de acordo com Barthes (2009, p.34) quando afirma nas sociedades desenvolvem-se diferentes técnicas com o objetivo de *fixar* a cadeia flutuante dos significados, do modo a combater o terror dos signos incertos: a mensagem linguística seria é uma dessas técnicas.

Interessa-nos compreender como essa cadeia flutuante de significados é constituída no contexto de um espaço de formação, buscando entender como os estudantes realizam suas leituras quando em se tratando de imagens, especialmente imagens relacionadas à ciência.

A leitura vem sendo tema de estudos no campo da Educação e, diversos trabalhos são divulgados em eventos científicos, como o *Congresso de Leitura do Brasil (COLE)* e o GT Alfabetização, Leitura e Escrita da Anped comprovando o interesse de pesquisadores de várias instituições brasileiras pelas práticas de leitura realizadas por estudantes. De maneira geral, as pesquisas refletem a respeito das práticas desenvolvidas em salas de aula, relacionadas com a leitura de imagens, bem como os modelos e tipos de textos utilizados no âmbito do espaço escolar.

Rego (2011) ressalta o aumento crescente nas pesquisas que se preocupam com a produção e a leitura da linguagem imagética, por meio de diferentes objetos de estudo, como a produção de textos narrativos e o desenvolvimento de estratégias pedagógicas. A autora apresenta dados de levantamento realizado em setenta e sete periódicos da área de Educação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em que a imagem visual fixa aparece como tema de pesquisa em cento e cinquenta e cinco artigos que foram publicados entre 1998 e 2007, destacando que 70% desse número, foi publicado a partir do ano de 2003, o que demonstra o recente interesse nessa temática. Compartilhamos das ponderações de Rego (2011) ao afirmar a necessidade da alfabetização para uma leitura de imagens, principalmente no que diz respeito ao Ensino de Ciências. Nesse sentido, entendemos também como necessidade a exploração de diferentes possibilidades de leitura e, nesse caso, nos interessam particularmente as práticas de leituras imagéticas desenvolvidas em espaços formais de Educação em Ciências. Consideramos como lócus de pesquisa turmas de licenciatura da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Autores como Souza (2011) e Piccinini (2012) afirmam a necessidade de investirmos em estudos que busquem aprofundamento das questões envolvidas na leitura imagética, abordando sua complexidade e ampliando as reflexões acerca dos sentidos construídos no cotidiano escolar. Refletir sobre a leitura de imagens pode se constituir como papel central na construção de uma visão crítica da realidade e do conhecimento (PICCININI, 2012).

Na apresentação do Dossiê “Imagem e Ciência: perspectivas educacionais e pedagógicas dos documentos imagéticos”, no Caderno CEDES, Oliveira e xx (2014) consideram os diferentes circuitos de produção e circulação de imagens no campo do Ensino

de Ciências e suas articulações com a divulgação científica, tendo em vista o seu potencial nas práticas de ensino e produção de conhecimento. As autoras reafirmam uma necessidade já apontada por outros autores, de estudos que tratem da circulação de imagens nos diferentes materiais e espaços educativos, bem como a produção de sentidos a respeito do seu modo de produção e reprodução. Corroboramos a reflexão das autoras a respeito da importância de estudos que abordem a implicação das imagens nos processos de formação, o que nos impulsiona a traçar um caminho na pesquisa acerca das apropriações por meio de leituras imagéticas realizadas por alunos do Ensino Superior, nosso espaço de atuação profissional.

As imagens fazem parte do cotidiano nos espaços formais de educação, seja em materiais didáticos ou em substituição ao texto verbal; entretanto, a leitura desses materiais ainda é pouco explorada em estudos que concentram seu interesse em alunos de licenciaturas.

Consideramos a relevância de pesquisas envolvendo reflexões sobre imagens em livros didáticos de ciências (MARTINS, 2007; MARTINS, xx; CARNEIRO, 1997; SOUZA, 2014) que problematizam a polissemia das imagens. Uma imagem transmite muitos significados e nem sempre é possível dominar todos os sentidos. Segundo Barthes (2005, p. 92) o fenômeno da polissemia das imagens

existe, aliás, também na linguagem articulada e constitui um dos temas principais da pesquisa lingüística atual. Mas é verdade que, na linguagem, o fenômeno da polissemia é consideravelmente reduzido pelo contexto, pela presença de outros signos, que dirigem a escolha e a interpretação do leitor ou do ouvinte. A imagem, ao contrário, apresenta-se de maneira global, não descontínua, e nessa medida é bem difícil determinar o contexto.

O CONTEXTO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO

A escolha dessa temática relaciona-se à sua relevância social em virtude da necessidade de mudanças qualitativas na formação dos alunos das licenciaturas brasileiras, pois ao considerarmos a formação do professor, é necessário discutir o dilema que, muitas vezes, está no cerne da profissionalização docente que é exatamente a formação inicial.

A sala de aula é um espaço dialógico, mas também de construções ideológicas simbolicamente impostos para servir ao controle social. Como espaço dialógico, pode ser

considerado como lócus privilegiado para formação, visando à cidadania e capacidade de atuação na sociedade, a mudanças e novas construções entre os sujeitos.

A educação ainda tem carência de outro olhar para a formação de leitores de imagens, bem como há uma necessidade de estratégias de ensino que, envolvam outras linguagens como fins e não apenas como meios educativos. Ao refletirmos sobre a leitura dos alunos de licenciatura, nos deparamos com questões próprias desse segmento e entendemos que, somente uma formação mais crítica poderá criar mudanças profundas nessa esfera da educação e transformar a prática na formação inicial e, conseqüentemente, nos espaços de atuação desses futuros educadores. Essas são premissas para mudanças estruturais na educação e criação de novos cenários, onde os sujeitos sejam estimulados para a construção de novos conhecimentos. O papel do professor, nesse sentido, é fundamental e estratégico. Entendemos que não é possível haver mudanças na educação e criação de propostas pedagógicas inovadoras sem comprometimento do professor, pois ele representa o mediador indispensável nesse processo e diretamente envolvido com a aprendizagem (LIBÂNEO, 2010).

Consideramos que a licenciatura é um espaço profícuo como lócus dessa proposta de pesquisa, por propiciar espaço de apropriação de novos conhecimentos, de mudanças nas práticas e reflexões que são construídas. Os cursos de licenciatura precisam considerar outras práticas por meio de novas dimensões didático-pedagógicas que possibilitem ao futuro professor (nesse caso o licenciando) uma formação que possa ir além do “diploma”. A formação de docentes nas universidades brasileiras carece de investimentos em experiências e reflexões que propiciem a atuação crítica na sala de aula. Nossas reflexões se afinam com o discurso de pesquisadores que refletem sobre a formação de professores (MONTEIRO, 2005; DELIZOICOV, 2011; TRIVELATO E SILVA, 2011; CASTRO E CARVALHO, 2001; CARVALHO E GIL-PÉREZ, 2011; AGUIAR JR, 2010; NARDI, 2010; BRANDO E CALDEIRA, 2009) e consideram que a formação nas licenciaturas possui um impacto significativo na qualidade da educação do país.

Buscamos dar voz às inquietações que se nos apresentam como professoras, suscitadas nas aulas que envolveram discussões a respeito do uso de textos imagéticos. Para abordar a complexidade da leitura de imagens, partimos do princípio de que a leitura não se caracteriza como uma simples codificação de sinais, não dependendo somente do leitor para decifrá-los, mas construir significados em interação com o texto, compreendendo-os. *Significados são*

construídos a partir de histórias de vida, referendados ou não por leituras autorizadas, caracterizando suas condições de acesso à leitura e suas condições de produção de sentidos (XX, 2012). Dentro dessa concepção, a leitura caracteriza-se não somente como a decifração dos códigos da língua escrita, e se insere numa visão mais globalizada, onde a compreensão do texto se configura por uma leitura crítica que implica percepções das relações entre texto e contexto (FREIRE, 1995).

Alberto Manguel (2001), autor argentino respeitado internacionalmente, parte do pressuposto de que a linguagem humana é feita de palavras que se traduzem em imagens e de imagens que se traduzem em palavras. As imagens, assim como as histórias, nos informam e formam o nosso mundo como símbolos, sinais, mensagens e alegorias considerando-as como essência; ou por outro lado, talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com nosso desejo, experiências, questionamentos e remorso. Para ele, qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos e quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam elas pinturas, fotografias - nós atribuímos caráter temporal da narrativa. *Ampliamos o que é limitado por uma moldura (numerosas telas) para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam elas de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável* (MANGUEL, 2001, p.27).

Para Manguel em se tratando de imagem,

Essencialmente, toda imagem nada mais é do que uma pincelada de cor, um naco de pedra, um efeito de luz na retina, que dispara a ilusão da descoberta ou da recordação, do mesmo modo que nada mais somos do que uma multiplicidade de espirais infinitesimais em cujas moléculas – assim nos dizem – estão contidos cada um de nossos traços e tremores.

(MANGUEL, 2001, p.321)

Ressaltamos que o texto escrito é hegemônico à imagem, por isso há uma necessidade de problematizações que tratem dessa questão por meio de estudos acadêmicos. Além disso, compreendemos que uma das coisas que está em jogo é a ausência de práticas de democratização da leitura, bem como acesso aos conhecimentos científicos e culturais por meio de textos imagéticos. Para ler uma imagem é preciso que o leitor esteja motivado pelo *prazer do texto* e, dessa maneira, inicie sua busca a fim de se apropriar, inventar e produzir novos significados e, nesse sentido, o leitor caracteriza-se, como nas belas palavras de Certeau, como um caçador que percorre terras alheias. (CHARTIER, 1999).

CONSIDERAÇÕES

No texto apresentado, buscamos estimular a escolha de algumas lentes de aproximação às questões relativas à produção e consumo de imagens, em contextos socioculturais contemporâneos que valorizam as audiovisualidades.

As argumentações foram tecidas no sentido que, para pensarmos no ensinar a ler imagens, faz-se necessário, dentre outros aspectos, admitirmos que essas leituras são polissêmicas e problematizarmos a forma de produção e circulação de imagens, bem como criarmos espaços de discussão a respeito da representação da realidade a partir do que é imposto culturalmente, situando historicamente a imagem, além de abordar as questões de poder contidas na imagem. Consideramos necessária a compreensão que as imagens não falam por si, são elaborações humanas socialmente e historicamente circunstanciadas.

Entendemos que essas reflexões podem ter a mesma condição apregoada por Mattelart (2006) quando este se refere uma nova utopia de partilha de conhecimentos que tenha como premissa uma sociedade pensada não apenas em termos de identidades múltiplas, mas à luz da igualdade social, incluindo nesse sentido, a partilha dos saberes envolvidos na leitura de imagens. Nesse sentido, talvez possamos responder ao questionamento de Mattelart (2005) quando nos interroga com a frase *Para que e por que resistir?* à essa crescente concentração dos meios de produção de opinião e cultura e com a dominação das potências políticas e econômicas. Compartilhamos da mesma proposição do autor sobre a necessária mobilização de coletivos civis que busquem uma reapropriação dessa esfera do espaço público, construindo um contrapeso democrático.

No trabalho apresentado, buscamos estimular a escolha de algumas lentes de aproximação às questões relativas à leitura de imagens, em contextos socioculturais contemporâneos que valorizam as audiovisualidades.

Referências

AGUIAR JR, Orlando. A ação do professor em sala de aula: identificando desafios contemporâneos à prática docente. In: CUNHA, Ana Maria de O.[et al].. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BARTHES, Roland. A Câmara Clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____ O Óbvio e o Obtuso. Lisboa, Portugal: Edições 70 Lda. 2009.

_____ Inéditos, vol.3: Imagem e Moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- BRANDO, Fernanda da R.; CALDEIRA, Ana Maria de A. Investigação sobre a identidade profissional em alunos de Licenciatura em Ciências Biológicas. *Revista Ciência e Educação*, v.15, n.1, p.155-173, 2009.
- CARNEIRO, Maria Helena da Silva. As imagens no livro didático. Atas do I Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências. Água de Lindóia, 1997.
- CARVALHO, Anna Maria P. de; GIL PEREZ, Daniel. O saber e o fazer dos professores. In: In: CASTRO, Amelia D.; CARVALHO, Anna Maria P.de. *Ensinar a Ensinar*. São Paulo: Thomson Learning, 2001.
- _____. *Formação de Professores de Ciências: tendências e inovações*. São Paulo: Cortez, 2011.
- CASTRO, Amelia D.; CARVALHO, Anna Maria P.de. *Ensinar a Ensinar*. São Paulo: Thomson Learning, 2001.
- CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José A; PERNAMBUCO, Marta Maria. *Ensino de Ciências: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2011.
- FLORES, Laura González. *Fotografia e Pintura: dois meios diferentes?* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- FONTANARI, Rodrigo. Roland Barthes e a fotografia. *Discursos Fotográficos*. Londrina, v.6, n.9, p.53 – 76, jul./dez. 2010.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo, Olho d'Água. 1995.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa: Edições 70, 2007
- LIBÂNEO, J. C. *Adeus professor, adeus professora: novas exigências educacionais da profissão docente*. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- LIBÂNEO, J. C. Prefácio. In: GUIMARÃES, V.S. *Formação de Professores: saberes, identidade e profissão*. 5ª ed. Campinas/SP: Papyrus, 2010.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
- _____. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MONTEIRO, Ana Maria. *Formação Docente: território contestado*. In: MARANDINO, Martha, SELLES, Sandra Escovedo, FERREIRA, Marcia Serra, AMORIM, Antônio Carlos. (Orgs.) *Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa*. Niterói: Eduff, 2005.
- NAVARRO, Talita Eloá Mansano; URSI, Suzana. *Uso de imagens na disciplina de Ecologia do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza – USP*. Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências- IX ENPEC. Águas de Lindóia, SP – 10 a 14 de novembro de 2013.
- OLIVEIRA, Carmem Irene C.de; GOUVÊA, Guaracira. *Apresentação do Caderno CEDES*, v.34 n.92 Campinas jan./abr.2014.
- ORTIZ, Renato. *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho D'Água, 2013.
- PERALES, F. J.; JIMÉNEZ, J. D. Las ilustraciones en la enseñanza-aprendizaje de las ciencias. *Análisis de libros de texto. Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, v. 20, n. 3, p. 369-386, 2002.
- PICCININI, Claudia Lino. *Imagens no Ensino de Ciências: uma imagem vale mais do que mil palavras?* In: MARTINS, Isabel; GOUVÊA, Guaracira; VILANOVA, Rita. *O Livro Didático de Ciências: contextos de exigência, critérios de seleção, práticas de leitura e uso em sala de aula*. Rio de Janeiro:2012.
- REGO, Sheila, Cristina Ribeiro. *Imagens fixas no Ensino de Física: suas relações com o texto verbal em materiais didáticos e padrões de leitura de licenciando*. Rio de Janeiro: UFRJ/NUTES, 2011. Tese (doutorado)

_____. xx. Imagens na Disciplina escolar Física: possibilidades de leitura. Revista Investigações em Ensino de Ciências. v.18 n.1 p.127 – 142. março 2013.

_____. Imagens em materiais didáticos impressos para o ensino de Física num curso de Licenciatura semipresencial. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v.3, n.3, 2010.

SOUZA, Lúcia Helena Pralon de.; REGO, Sheila Cristina Ribeiro; GOUVÊA, Guaracira. A imagem em artigos publicados no período 1998 –2007 na área de Educação em Ciências. Revista Ensaio. Belo Horizonte v.12 n.03 p.85-100 set./dez.2010.

_____.; As Imagens da Saúde em Livros Didáticos de Ciências. Rio de Janeiro: UFRJ/NUTES, 2011. Tese (doutorado).

_____.; Imagens científicas e ensino de Ciências: uma experiência docente de construção de representação simbólica a partir do referente real. Caderno CEDES, Campinas, v.34, n.92, p.127 - 131, jan.abr.2014.

TRIVELATO, Sílvia F.; SILVA, Rosana L. Ferreira. Ensino de Ciências. São Paulo: Cengage Learning, 2011.